



<https://doi.org/10.30681/real.v14.4570>

“A LIBERDADE ILUMINANDO O MUNDO”: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA DAS TIRINHAS DE MAFALDA

Adrielly Galvão Santos da SILVA (UFPE)¹
Brenda Catarina da SILVA (UFPE)²
Julianny de Kassia Santos FONSECA (UFPE)³
Maria Eduarda dos Santos SILVA (UFPE)⁴
Milena Corrêa GAMBÔA (UFPE)⁵

Resumo: Partindo da tese bakhtiniana de que todo signo é ideológico, o presente trabalho objetivou investigar as diversas vozes posicionadas sócio-historicamente e o diálogo estabelecido entre os textos analisados e os demais discursos dispersos na sociedade. Essa reflexão se deu de modo qualitativo, tendo como *corpus* a série de tiras de Mafalda, “A liberdade iluminando o mundo”, na qual ressaltamos que a protagonista e os outros personagens expressam seus posicionamentos ideológicos tanto verbal quanto imageticamente. Destarte, articulamos à perspectiva dialógica de Bakhtin a concepção de multimodalidade explorada por Dionísio (2012). Como embasamento teórico, a respeito das ideias propagadas pelo círculo bakhtiniano, tomamos como aporte Bakhtin (2003a, 2003b), Barros (1994), Girola (2004) e Indursky (2000). Isto posto, pudemos resgatar as múltiplas vozes ideológicas, principalmente sociais e liberais, que dialogam com o contexto em que as tiras foram produzidas.

Palavras-chave: Bakhtin. Dialogismo. Polifonia. Mafalda.

Abstract: Starting from the Bakhtinian thesis that every sign is ideological, the present work aimed to investigate the diverse voices positioned socio-historically and the dialogue established between the analyzed texts and the other discourses dispersed in society. This reflection took place in a qualitative way, with Mafalda's series of strips, "Freedom illuminating the world" as corpus, in which we emphasize that the protagonist and the other characters express their ideological positions both verbally and imagery. Thus, we articulate to Bakhtin's dialogical perspective the concept of multimodality explored by Dionísio (2012). As a theoretical basis, regarding the ideas propagated by the Bakhtinian circle, we take Bakhtin (2003a, 2003b), Barros (1994), Girola (2004) and Indursky (2000) as input. That said, we were able to rescue the multiple ideological voices, mainly social and liberal, that dialogue with the context in which the strips were produced.

¹ Graduanda em Licenciatura em Letras Português na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE – Recife, Brasil). E-mail: adriellydmitri@gmail.com.

² Graduanda em Licenciatura em Letras Português na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE – Recife, Brasil). E-mail: brenda.catarinal@live.com.

³ Graduanda em Licenciatura em Letras Português na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE – Recife, Brasil). E-mail: fonscejulianny@gmail.com.

⁴ Graduanda em Licenciatura em Letras Português na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE – Recife, Brasil) com período de intercâmbio acadêmico em Ciências da Linguagem na Universidade do Porto (Portugal). E-mail: mariaeduardasansil@gmail.com.

⁵ Graduanda em Licenciatura em Letras Português na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE – Recife, Brasil) e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) – Letras da mesma IES. E-mail: milenacgamboa@hotmail.com.



Keywords: Bakhtin. Dialogism. Polyphony. Mafalda.

1. Introdução

Mafalda é protagonista das tirinhas de Quino, conhecida em diversas partes do mundo e aclamada por seus leitores pela maneira como aborda os problemas sociais. Além de ser um gênero textual mais informal, as suas tirinhas discutem sobre questões públicas e globais de uma maneira crítica, porém dotada de ironia, o que faz com que se aproxime mais do público. Como declara Eco (*apud* QUINO, 2013, p. 55), Mafalda se apresenta como uma “heroína iracunda” que reprova o mundo como está, reclamando seu direito de ser criança sem a interferência de seus pais em suas escolhas e que, além disso, possui um senso crítico incomum para crianças da sua idade.

Podemos pensar em Mafalda também como um elemento de representatividade, já que as tirinhas são de origem latina e diferem das tradicionais norte-americanas. Sendo assim, nesta pesquisa será levado em consideração o contexto historicamente situado em que esse gênero foi e continua sendo circulado. Em razão disso, pretendemos relacionar elementos extrínsecos aos que estão postos nas tiras.

Tendo em vista o exposto acima, optamos por desenvolver uma análise de três tiras do autor, que constituem uma série, cujo tema principal é "a liberdade iluminando o mundo". Para tanto, utilizamos a perspectiva da polifonia e do dialogismo em Bakhtin, partindo do ponto de vista defendido por ele de que todo signo é ideológico. Diante disso, iremos abordar as tirinhas de maneira a prezar pelo seu caráter “responsivo”, pois, como advoga Bakhtin (1992 *apud* INDURSKY, 2000, p. 72), “cada enunciado é um elo da cadeia complexa de outros enunciados” que podem conversar, divergir ou concordar, concebendo assim uma intertextualidade.

O objetivo desta pesquisa é analisar as diversas vozes que dialogam nas tiras da personagem Mafalda. Para tal, nosso *corpus* se direciona a esse gênero, considerando que se caracteriza pela sua multimodalidade, com uma mescla da linguagem verbal e não-verbal. Isto posto, buscamos investigar a presença de já-ditos a respeito de determinadas construções de sentido e de imagens relacionadas ao texto, sendo partes integrantes e constitutivas da nossa forma de dizer o mundo.

2. Fundamentação teórica



Para Bakhtin, “tudo o que é ideológico pode ser chamado de signo” (GIROLA, 2004, p. 1), ou seja, não há, sob a ótica bakhtiniana, ideologia sem os signos. Nessa perspectiva, o autor afirma que os signos, por serem ideológicos, significam, remetendo a algo situado fora de si mesmos (GIROLA, 2004).

Ademais, “no sistema da língua se imprimem historicamente as marcas ideológicas do discurso” (BARROS, 1994, p. 8), sendo uma característica desta ser perpassada pela ideologia, pelos valores e pelas crenças de um dado grupo social, situado historicamente. Isto é, o discurso, constituído pela língua, não é neutro, mas marcado por posicionamentos, de tal forma que em um mesmo sistema linguístico há a presença de discursos ideologicamente opostos, constituídos por sujeitos de diferentes classes sociais. Por ser constituída desse confronto, a língua, de acordo com Bakhtin, é complexa e viva, nutrida de “uma dialética interna em que se atraem e, ao mesmo tempo, se rejeitam elementos julgados inconciliáveis” (BARROS, 1994, p. 8). O signo, portanto, é designado como “a arena da luta de classes”.

Tendo em vista essa característica dialética da língua, o autor soviético postula que o *dialogismo* é o princípio constitutivo de todo o discurso, isso porque todo discurso ressoa já-ditos, de forma a respondê-los, antecipá-los ou polemizá-los. Dessa maneira, a relação dialógica intrínseca à língua prenuncia a noção de *intertextualidade*, isto é, o cruzamento entre os mais diversos textos que circulam na sociedade, que se instalam no interior de cada enunciado, integrando-no (BARROS, 1994). Isto posto, salientamos que o dialogismo é a ressonância de já-ditos – presentes, passados e/ou futuros –, caracterizando um princípio constitutivo da linguagem (BAKHTIN, 2003a).

Em razão disso, podemos afirmar que o objeto de análise discursiva bakhtiniana é o *texto-enunciado*, visto que a partir de abordagens internas e externas da língua(gem) se pode vislumbrar os ecos de outros enunciados que estão vinculadas ao enunciado a ser analisado e que se encontram dispersos na sociedade. Assim, corroboramos que

sua concepção de enunciado distancia-se de uma simples abordagem sintática, tal como é praticada pela linguística *strictu senso* [...]. Não é possível estudá-lo a partir das relações linguísticas do sistema da língua, nem tampouco, a partir do enunciado tomado isoladamente (INDURSKY, 2000, p. 73-74)

De fato, o que interessa são as *relações enunciado-realidade*, as quais não são de ordem linguística, mas extralinguísticas, vale dizer, dialógicas (BAKHTIN, 2003a). Nesse



viés, não somente a noção de texto é significativamente modificada como também a própria concepção de sujeito. Para Bakhtin, o texto é um “tecido polifonicamente constituído por fios dialógicos de vozes” (BARROS, 1994, p. 4), cujo sujeito que o enuncia se configura como histórico, visto que está inserido em um contexto sócio-historicamente situado, como também se apresenta como ideológico, porque corresponde a diferentes vozes sociais.

Outrossim, sob o prisma bakhtiniano, os textos podem produzir efeitos de polifonia, quando permitem que as vozes sociais sejam reconhecidas, ou de monofonia, quando as oculta sob o véu de uma única voz autoritária. Estas concepções de *polifonia* e *monofonia* são, portanto, estratégias discursivas, efeitos de sentido que constituem os textos naturalmente dialógicos e traduzem as diferentes formas do dizer que estão presentes nas entrelinhas dos enunciados.

Além disso, para os estudiosos do Círculo de Bakhtin, os textos são corporificados em gêneros do discurso, pois sempre que um sujeito quer se comunicar, recorre a algum gênero. Por isso, assinalam que os gêneros em uso moldam os discursos, visto que são formas relativamente estáveis, determinadas sócio-historicamente (BAKHTIN, 2003a). Reconhecidos como entidades dinâmicas pela ótica bakhtiniana, os gêneros, principalmente devido à sociedade na qual estamos inseridos, articulam vários modos de realização, de tal forma que “o sistema linguístico é apenas um dos modos de constituição dos textos que materializam nossas ações sociais” (DIONÍSIO; VASCONCELOS, 2013, p. 19). Ou seja, influenciados por fenômenos como a globalização e os avanços tecnológicos, os sujeitos combinam formas diversas para elaborar seus textos e desenvolver significação.

Por essa razão articulamos, à perspectiva de Bakhtin, o conceito de multimodalidade, que caracteriza os textos verbais ou não-verbais que combinam alguns recursos semióticos – imagens, recursos de escrita, gestos, movimentos, expressões faciais – para construir sentido (JEWITT, 2009 *apud* DIONÍSIO; VASCONCELOS, 2013).

Partindo desses pontos de vista, assinalamos que as tirinhas se configuram como um gênero social multimodal, e o posicionamento crítico da personagem que protagoniza as cenas – a Mafalda – nos permite verificar de forma mais contundente as questões sócio-históricas em que as tiras foram produzidas. Além disso, as reflexões desta personagem, simbolizadas através de elementos linguísticos e imagéticos, ressaltam que a língua(gem) não é neutra, tampouco é o discurso. Isto posto, respaldamos a importância, neste trabalho, de que os textos sejam analisados para além dos limites da linguística, de modo a abarcar o teor histórico, político, social e ideológico.

3. Análise de dados

Para alcançar o objetivo supracitado, adotamos para a composição do *corpus* desta pesquisa três tirinhas da série "A liberdade iluminando o mundo", compostas por Quino, que serão analisadas a seguir de modo qualitativo. A escolha decorreu tendo em vista o caráter informal e multimodal do gênero, de modo que possamos explorar os elementos verbais e não-verbais dos textos, bem como os aspectos extralinguísticos que influenciam seus sentidos. A seguir apresentamos as três tirinhas que serão analisadas ao longo deste artigo:

IMAGEM 1



Fonte: <https://document.onl/documents/toda-mafalda-em-portugues-quirgo.html>

IMAGEM 2



Fonte: <https://document.onl/documents/toda-mafalda-em-portugues-quirgo.html>

IMAGEM 3



Fonte: <https://document.onl/documents/toda-mafalda-em-portugues-quirgo.html>

Os sentidos que circulam acerca da personagem Mafalda, bem como o contexto sócio-histórico no qual estão inseridos, colaboram para compreender o seu papel nas tiras que protagoniza, sendo frequentemente uma voz que busca desenvolver contestações sobre fatos do cotidiano de um mundo em plena Guerra Fria e de uma América sob o jugo de governos ditatoriais. Nesse viés, é possível encontrar fortes tensões entre opiniões críticas da Mafalda frente à opinião da massa e das demais personagens, construídas através de um caráter unidimensional, que, diferente da personagem principal, representam a conformidade perante os conflitos mundiais.

Conforme Eco (*apud* QUINO, 2013, p. 55), a “Mafalda vive em um contínuo diálogo com o mundo adulto, mundo que não estima, não respeita, humilha e rejeita [...]”. Por ter essa personalidade incisiva, a personagem por vezes transforma temas da ordem pública em temas da ordem privada, trazendo para o cotidiano indagações a respeito do mundo e das relações sociais. Por outro lado, os demais personagens costumam representar os posicionamentos de permanência, vozes típicas da classe média.

Outrossim, é preciso destacar importância e a relação com os fatores extralinguísticos, representativos do momento em que o texto foi produzido: entre os anos de 1962 até por volta de 1973, período em que mundo era palco de disputas entre as nações, principalmente entre dois blocos de teores político-econômico distintos e até dicotômicos: vivia-se um Pós-Guerra Mundial marcado pela tensão da Guerra Fria, protagonizada pelos Estados Unidos e pela União Soviética.

Os enunciados, bem como a construção dos elementos imagéticos, são estabelecidos a partir de uma interação com a sociedade e com o contexto histórico e político. Nessa perspectiva, o dialogismo é estabelecido na comunicação entre o texto e os sistemas sócio-econômicos e/ou entre a representação da Mafalda e a própria estátua da liberdade ou o seu conceito, pontos que serão mais explorados a seguir.



Por meio da análise da primeira tira, já podemos compreender a Mafalda como um sujeito contestador, que irá se opor à concepção canônica a respeito da *liberdade* e seu poder “iluminador” sobre o mundo. Essa liberdade possui, na série de tiras, duas significações principais: é tanto a liberdade enquanto ato de ser livre, quanto a liberdade representada pela estátua estadunidense, localizada na cidade de Nova Iorque. Ambos os conceitos remetem ao capitalismo, que carrega em si premissas de liberdade e autonomia, embora isso possa ser contestado, como a própria personagem o faz.

Por se ligar a um elemento externo, atrelado ao contexto histórico e social do momento em que se situa, a tirinha pode ser facilmente classificada como dialógica, segundo a concepção bakhtiniana adotada e supracitada neste artigo. A alusão à Estátua da Liberdade ocorre pela própria posição que a personagem assume, imitando o monumento. Isso seria, portanto, um resgate de um elemento extralinguístico, que carrega em si, também, a dialogia bakhtiniana e outros fatores – como a ideia do capitalismo e da liberdade proposta por este.

Outra questão que reforça a presença do dialogismo na tira é a referência, ainda que de forma indireta, aos posicionamentos político-econômicos de direita e de esquerda, como observamos nos dois últimos quadrinhos ao atentarmos para os objetos presentes na mão direita e na mão esquerda da protagonista, respectivamente uma lâmpada queimada e um livro de história. O ideal conservador é construído, destarte, por meio de uma crítica, comparado à lâmpada queimada, fazendo jus ao fato de ser uma ideologia que prega a liberdade e o desenvolvimento científico, social etc, mas que está “apagada” realmente quanto às questões que não dizem respeito aos interesses dominantes. Ao ideal social, Mafalda atrela a preocupação e a criticidade quanto à historicidade, por meio do livro de história na mão esquerda. Nesse viés, mostra que essa ideologia atenta para questões que são negligenciadas pela direita – de luz apagada aos problemas reais da sociedade.

O posicionamento de Mafalda, enquanto contestadora das situações sociais, advém, especialmente, pelo ideal social de esquerda com que se identifica, sendo este resgatado tanto por questões linguísticas e discursivas, recuperadas pela criticidade e ironia com que define o posicionamento conservador (a luz apagada, que tem potencial e premissa para brilhar, mas não o faz), quanto por questões imagéticas, como a cor de suas vestes: vermelhas, aludindo ao socialismo ao qual se alia.

Além da figura de Mafalda, temos, nesta primeira sequência discursiva, a presença do personagem Felipe, o qual, embora pareça um mero pretexto para o desenrolar da história, carrega marcas ideológicas em um discurso aparentemente neutro, que, em uma leitura superficial, seria desconsiderado. Acreditamos, porém, que nenhum discurso é neutro e



desprovido de ideologias, pois, como o próprio Bakhtin defende, o signo é essencialmente ideológico. Desse modo, como Felipe porta-se indiferente à fala de Mafalda, a qual, já vimos acima, apoia-se no discurso socialista, temos uma posição de negligenciamento das causas do partido, aceitando – ou ao menos se conformando – com a política dominante capitalista.

Todos esses elementos supracitados, porém, só podem ser resgatados devido à relação que a tirinha estabelece com diversos aspectos extralinguísticos que circulam na nossa sociedade; seja o conhecimento da existência e da significação da Estátua da Liberdade, seja o reconhecimento dos discursos capitalistas e comunistas, conservadores e sociais que estão dispersos na sociedade. É, pois, segundo a definição de Bakhtin, um texto consideravelmente dialógico. Junto a isso, caracterizamos-no, também, como polifônico, conforme o mesmo autor, devido à presença da voz do socialismo nas falas da Mafalda e da voz do cidadão negligente à situação política, aparentemente imparcial, mas que se conforma com a política vigente no momento em questão.

Partindo agora para a análise da segunda tirinha, percebemos que Mafalda passa a se relacionar não apenas com Felipe, mas também com Susanita, uma outra personagem criada por Quino. Nesse viés, entra em cena outra voz social, em contraposição ao discurso de Mafalda, trabalhando para caracterizar esse segundo texto também como polifônico. Susanita é normalmente representada como a voz de uma ideologia conservadora, por vezes pautada nos papéis de gênero e na estratificação de classes sociais. Na segunda tira, Susanita contesta Mafalda, personificando a voz da ideologia dominante do capitalismo frente à representação da liberdade empreendida pela garotinha de vestido vermelho.

É possível perceber que Susanita, por meio do seu discurso, acredita na máxima da liberdade às configurações estadunidenses e, por isso, estranha a lâmpada queimada na mão da protagonista que intenciona simbolizar a Estátua da Liberdade. O discurso de Susanita representa uma voz ideológica que indaga a respeito da lâmpada que não ilumina, visto que a liberdade, nessa concepção capitalista, espalha luz pelo mundo, em oposição à “escuridão” atribuída aos demais sistemas sociais e econômicos – no caso, ao comunismo/socialismo.

Quanto ao outro personagem em cena, Felipe, voltamos ao que supra-analisamos sobre ele: aparentemente imparcial ao responder ao questionamento de Susanita sobre “o que deu” em Mafalda. Em vez de responder “é a liberdade iluminando o mundo”, opta pelo uso do verbo “dizer”, o qual, através da sua fala, torna a ação empreendida pela protagonista, e, portanto, a carga ideológica atrelada a ela, distante do posicionamento desse. Se realmente acreditasse no que Mafalda representa com a sua “brincadeira”, baseada na ideologia socialista a qual se alia, não teria optado por uma frase que o distanciasse dessa posição. É,



novamente, a voz do cidadão aparentemente neutro, mas conformado com a situação vigente e negligente às demandas sociais.

A polifonia é confirmada ainda quando atentamos para a análise do plano visual, no qual observamos a expressão e a postura de Felipe, que revela certo tom de desprezo e/ou sarcasmo ao responder acerca do que está fazendo Mafalda. Outro aspecto é a mudança que pode ser percebida no estado de Susanita, a qual fica atônita com a resposta da protagonista. Isso porque Susanita não esperava aquela resposta – de que a liberdade capitalista não exerce um poder iluminador –, visto que representa uma voz ideológica contrária a que Mafalda personifica – voz mais social, que busca alertar sobre a situação da liberdade no mundo.

É importante pontuar, ainda, a relação que Mafalda estabelece com o contexto no qual as tirinhas estão inseridas, quando se refere à lâmpada queimada em virtude da “tensão mundial”. Essa tensão, como já mencionamos, seria consequência de um mundo em guerra, polarizado em duas grandes potências – distintas quanto a concepções políticas e sociais –, que assiste ao cerceamento da liberdade em detrimento da conquista de outros países. Destarte, o diálogo estabelecido com o contexto funciona como forma de crítica, principalmente, à política estadunidense – representante do capitalismo –, que, por exemplo, influenciou e apoiou ditaduras em toda a América Latina, inclusive na Argentina, país da Mafalda. A personagem, assim, convive com a contradição da liberdade pregada pelos Estados Unidos e, por isso, encontra em uma simples brincadeira uma forma de crítica.

Na sequência discursiva da terceira tirinha, a qual iremos analisar agora, é possível perceber, assim como nos textos anteriormente analisados, a presença de um embate entre vozes sociais, configurando a sequência como polifônica. Há, portanto: a voz da Mafalda, que permanece representando uma ideologia mais social, crítica à ideia de liberdade propagada pelo sistema liberal do capitalismo; e a voz do pai, que representa a conformidade perante os problemas sociais.

O pai simboliza, desse modo, a voz de certo conformismo tendo em vista a sua resposta, a qual exclui todas as questões reflexivas e críticas que poderiam advir e isso em detrimento de um posicionamento de pai, apenas, desinteressado no que vai além da sua realidade mais imediata. Essa compreensão do posicionamento ideológico assumido por esse personagem advém tanto da leitura da tirinha em questão, quanto do diálogo que essa estabelece com outras tirinhas da Mafalda que também trazem a figura do pai e ajudam a caracterizá-lo. Isto posto, ressaltamos que a percepção da polifonia, conceito preconizado por Bakhtin e o seu círculo, dá-se com o auxílio de outro conceito bakhtiniano, o dialogismo.



Dessa forma, constatamos que o pai desconsidera a significação que perpassa a fala de Mafalda no primeiro quadrinho, visto que normalmente está conformado com a sua vida pacata de classe média e despende pouca atenção às questões mais sociais e/ou políticas. De acordo com os preceitos de uma sociedade patriarcal, o maior papel de tal personagem é ser pai, cuidar da família e prover o sustento da casa, por isso sua indagação se volta à brincadeira da filha quanto ao perigo de estar em cima do banco. O pai não se revolta, muito menos se atenta, ao real sentido que Mafalda busca simbolizar com sua brincadeira.

Essa conclusão embasa-se ainda na análise dos elementos imagéticos, componentes primordiais para a construção do sentido dos textos desse gênero textual. Assim, podemos notar que, no primeiro quadrinho, o rosto do pai nos comunica certa incompreensão diante da Mafalda. No segundo momento, observamos que essa incompreensão cede espaço à ira com a possibilidade da criança se machucar. Contudo, surpreendido pela resposta da menina no último quadrinho, o pai se vê sem resposta à altura de tal reflexão, alterando a expressão de raiva por uma expressão de consternação.

Acerca desse conformismo da personagem, é válido pontuar o conceito de *não-álibi* defendido por Bakhtin (2003b). Esse conceito é desenvolvido para justificar que todo indivíduo, enquanto sujeito no mundo, não pode se eximir da responsabilidade pelos seus atos. A responsabilidade é um elemento que resulta da própria existência do indivíduo, do seu contato com o mundo e com o outro. Desse modo, quando busca se estabelecer em uma posição de conformidade, tentando se ausentar do lugar de ser responsável, o sujeito produz um “falso álibi”. Isto pode ser visto na figura do pai na terceira sequência discursiva analisada, pois ele tenta fugir dessa responsabilidade natural do ser perante o mundo ao não olhar criticamente para a realidade que os rodeia.

Quanto aos aspectos dialógicos, além da importância do conhecimento da figura do pai em outras tiras de Quino, para melhor compreender seu posicionamento discursivo e a carga ideológica de sua voz, temos a representação da liberdade como “quebrada” e “machucada” no terceiro quadrinho, fazendo, novamente, uma conexão com um elemento externo ao texto, o contexto no qual a tirinha está inserida: um mundo em guerra, marcado por lutas de poder e de ideologias opostas; um país e uma liberdade lesionados pela ditadura.

4. Considerações finais

Pode-se perceber que as três tiras dialogam com discursos e contextos externos, mas também conversam entre si devido à caracterização de liberdade que elas empreendem. Isto



pode ser constatado através de elementos que, mesmo não-explicítos no dito, dialogam de certa forma por abordarem concepções que se completam, possibilitando que sejam associados uns com os outros. Tal conclusão é fortalecida com o olhar bakhtiniano, uma vez que este alega que os signos formulam o sentido das ideologias produzidas no dito, ainda carregando uma presença bastante significativa do contexto sócio-histórico e ideológico, atualizando a língua, meio pelo qual essa interação ocorre.

Os discursos produzidos pela personagem Mafalda são respostas a discursos outros dispersos na sociedade, e por vezes contrários ao posicionamento ideológico defendido pela protagonista das tirinhas. Com isso, vimos o conceito de *dialogismo* de Bakhtin como aporte para apresentar essa relação que os discursos produzem em seu funcionamento, os quais se concretizam por meio de outros, promovendo interação. Por este viés, alcançamos e abordamos a questão de *intertextualidade* na análise, já que há o entrosamento entre práticas diversas na composição dos textos. Destarte, tocando na concepção de texto, vale retomar o que o teórico adotado reflete a respeito disso, o qual traz como noção de texto uma mesclagem de vozes que, quando se entrelaçam e se permitem ser reconhecidas, formam um tecido polifônico.

Trazendo o gênero tirinha, observamos o trabalho produzido por elementos linguísticos e não-linguísticos, incluindo ainda o caráter multimodal e informal, para que assim consigamos tratar das questões bakhtinianas através desse *corpus*. Nessa análise, foi possível observar os discursos que dialogam por meio das posições que os personagens que compõem as tiras se encontram ou aparentam estar, através de um viés humorístico e crítico, envolvendo questões sociais e políticas. Com este material, foi possível articular sobre a presença da personagem principal, a Mafalda, que promove uma relação com outros personagens, e em especial nas tiras selecionadas para a pesquisa. Isto posto, conseguimos resgatar a repetição da sua posição se referindo à estátua da liberdade e às ideologias associadas a este elemento metafórico, gerando um discurso de conteúdo político e crítico, dialogando, assim, com outros discursos que não se apresentam no dito, mas criam inter-relações.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003a. p. 261-306.

_____. **Para uma filosofia do ato**. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.



BARROS, D. L. Dialogismo, polifonia e enunciação. **In:** _____; FIORIN, J. L. **Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Mikhail Bakhtin.** (Orgs.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 1-9.

DIONÍSIO, A. P.; VASCONCELOS, L. J. Multimodalidade, gênero textual e leitura. **In:** BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. **Múltiplas linguagens para o ensino médio.** (orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 19-40.

GIROLA, M. K. Signo e ideologia: a contribuição bakhtiniana para a filosofia da linguagem. **Língua e literatura**, Rio Grande do Sul, n. 27. p. 319-322, jun. 2004.

INDURSKY, F. Reflexões sobre a linguagem: de Bakhtin à Análise do Discurso. **Línguas Instrumentos Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, Editora Pontes, n. 4/5, p. 69-88, dez. 1999 - jun. 2000.

QUINO. **Mafalda inédita.** São Paulo: Martins fontes, 2013.

RAIZE, Juliana Teixeira. Mafalda e a História argentina: Uma análise dos anos de 1960 e 1970 através dos quadrinhos. **In:** ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, 4., 2013, Londrina. **Anais [...].** Londrina: Eduel, 2013. p. 1632-1651.

ROSSI, Kassia; HENN, Ananda Gomes. Mafalda, a menina que questionou o mundo: arte sequencial como forma de resistência durante os regimes militares da América do Sul (1964-1973). **In:** FEIRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E EXTENSÃO, 4., 2015, Videira. **Anais [...].** Videira: Editora IFC, 2015.